

MATRIPOTÊNCIA UMA EXPERIÊNCIA NEGADA PELO OCIDENTE

ET 08 - Corpos que Gestam, Maternidade, Assistência à Saúde Materna e Violência. Narrativas Literárias, Ética e Bioética nos Cuidados em Saúde; Movimentos Sociais e Relatos de Experiência

Giovana Pontes Farias ¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é traçar uma reflexão teórica sobre as categorias “mulher” e “mãe” adotado pelo ocidente, que denotam padrões de existir e se relacionar socialmente, sendo apresentada como uma categoria universal e genérica, mas que carrega muitos marcadores, entre eles de, cis-heteronormativa, raça, classe. Para algumas tradições de origem africana da cultura Yoruba, esta categoria não existe (ou não é a principal categoria social). Assim através do movimento negro (UNEGRO), organizamos um espaço de leitura e reflexão sobre os conceitos de Iyá e de Matripotência desenvolvidos pela intelectual Oyèrónké Oyèwùmí, assim desenvolvemos a reflexão da importância das lutas sociais no intuito de democratizar novas formas de ver e pensar o mundo.

Palavras-chave: iyá, matripotência, Movimento negro, Unegro.

INTRODUÇÃO

Oyèrónké Oyèwùmí nos apresenta em seus estudos, o conceito de mulher como uma invenção do ocidente, pois na cultura africana, mais especificamente, ioruba, as diferenças são estabelecidas através do caráter da senioridade e não através de diferenças biológicas, ou seja, a hierarquia social estava relacionada aos mais velhos e não a diferenças de gênero. A concepção africana de feminino, chega no Brasil através da religiosidade, sob a cosmo percepção ioruba, que entende as Iyás, sob um aspecto

¹ Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas-UFPEL, giovanaup@gmail.com

muito mais sagrado e metafísico do que a figura da mulher ocidental, presa a um corpo inferiorizado em relação ao homem. As iyás ainda estão presentes nas religiões de matriz africanas e não tendo nenhuma relação com aspectos de sexo feminino/masculino, relacionando-se a elementos de criação e matripotência .

As yalorixas continuam presentes na nossa cultura, cuidando dos seus filhos e transmitindo suas percepções e resistências. Do ponto de vista epistemológico as mulheres negras têm sido responsáveis por promover importantes contribuições. O feminismo negro tem feito a denúncia de que a categoria mulher não é homogênea, nós mulheres pretas nunca nos enquadrámos no discurso de “mulher frágil”, não somos rainhas nem musas, quando o feminismo branco saiu às ruas para lutar pelo trabalho, nós não conhecíamos outra forma de sobreviver ser que fosse através da nossa força de trabalho.(CARNEIRO,2011).

Mesmo diante de um quadro de epistemicídio e genocídio, a cultura negra e indígena conseguiu sobreviver, com muita luta e resistência. A educação informal sempre ocorreu nos Quilombos e nas aldeias, e a cultura negra era transmitida pelas mulheres escravizadas que serviam de amas de leite, constituindo o “pretuguês”. Lélia Gonzalez (2020), ao se referir a mãe preta, aponta esta como uma verdadeira educadora, pois era a mãe preta que cuidava dos filhos das mulheres brancas, eram elas que ensinavam e transmitiam seus valores as crianças (GONZALEZ, 2020), um exemplo disso, são as narrativas de África, os mitos, a religiosidade, entre outros aspectos da cultura preta vivos até hoje, devido ao papel formador da mãe preta na educação informal das crianças brancas e de suas/seus próprias/os filhas/os.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Este trabalho parte da nossa escrevivência² em um espaço político chamado União de Negros e Negras pelas Iguadade. A Unegro é uma instituição fundada na Bahia em 1988, focada na luta antirracista, a instituição tem representações por vários

² Escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade”(EVARISTO,2020,p.39)

estados do país. A data de fundação da Unegro, é um período marcante na história do Brasil através do processo de redemocratização se instaura no país a necessidade de construir uma nova sociedade em que a participação de todos e todas seja reconhecida efetivada.

A Unegro surge em Rio Grande em 2021, suas ações primam por serem direcionadas aos sujeitos historicamente oprimidos pelo sistema racista, machista e patriarcal, sendo pensadas e executadas levando em consideração as peculiaridades das mulheres/mães negras, culturalmente excluídas dos espaços de discussões e decisões. Entre as ações da Unegro, estão o grupo de leitura e debate “Literatura Negra”, pelo qual nos organizamos de forma remota para debater alguns livros e textos, entre esses debates, em alusão ao dia das mães, nós organizamos um encontro para debater o texto “Matripotencia: Iyas nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas iorubas” da escritora Oyeronke Oyewumi, o encontro reuniu diferentes pessoas e foram discutidos pontos que trazemos para o debate neste texto

O movimento negro possui uma grande relevância social, pois é capaz de propor reflexões e transformações sociais, assim como apresentado por Gomes (2017) o movimento negro produz três saberes fundamentais para a sociedade, identitários, políticos e estéticos-corporais. Permitindo a nós a construção de uma identidade preta positiva, em que entre irmãos podemos relatar nossas dores sofridas pelas violências raciais e também identificar nossos potenciais. A organização coletiva como ferramenta forte de transformação política, em torno da luta por políticas públicas que possam transformar as desigualdade sociais e raciais que marcam a sociedade brasileira e as experiências estéticos-corporais, que ocorre quando ocupando espaços que nos foram esteticamente negados, sem que seja necessário nos embranquecer para sermos aceitos/as.

Diante disso, definimos a importância de propor outras formas de pensar a categoria “mãe” e “mulher”, organizando um espaço de debate que fosse aberto a toda comunidade. Esse espaço ocorreu próximo a data de dia das mães e denominamos “Matripotência uma experiência negada pelo ocidente”. O evento contou com a presença de diferentes pessoas, entre elas estudantes, trabalhadores e trabalhadoras, além da presença especial de uma yalorixá que trouxe experiências muito potentes para o debate.



Imagem:Acervo Unegro-RG

Acreditamos na possibilidade do diálogo como capaz de gerar ação e reflexão nos sujeitos. Assim trabalhamos com círculos de cultura, na modalidade virtual, devido as condições de contaminação da pandemia de covid-19. O dicionário Paulo Freire, define os círculos de cultura como uma ferramenta de educação focada no aluno, na sua “participação consciente” e com foco na “democratização da palavra”(BRANDÃO,2010). Estes círculos são resultado dos trabalhos da Educação Popular e também dos trabalhos realizados por Paulo Freire, que acreditam na construção do conhecimento como um processo que deve ser coletivo. Nos círculos como a própria palavra indica todos estão em roda, todos se olham, se escutam e tem voz. Nos círculos de cultura se leva em conta, o conhecimento prévio dos participantes, a problematização de uma questão geradora de reflexão crítica, elaboração de respostas e avaliação do círculo.

No encontro realizado pela Unegro, priorizamos o espaço de fala de todos e todas que participam, assim foram definidos alguns pontos relevantes do texto “Iyas nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas iorubas”, o texto foi previamente definido e enviado aos participantes semanas antes do encontro. No dia do evento, todos deram suas contribuições sobre o que apontavam ser mais relevante no texto.

Entre os pontos que podemos destacar na discussão em questão, primeiramente esta em torno de se pensar a categoria mulher como algo historicamente construído e que sendo assim não se estende a todas as culturas e tempos históricos. Quando pensamos a mulher precisamos refletir de que é uma categoria construída, pautada em diferenças biológicas, uma condição essencializada e imposta como algo naturalizado. A mulher surge em oposição ao homem e numa posição inferior a ele, categoria de gênero que denota privilégio e desvantagens sociais.

Com o advento das discussões em torno da categoria de gênero, se tornou mais fácil compreender que masculino e feminino são categorias inventadas pelas sociedades, contudo precisamos ampliar a nossa visão para entender que nem todas as sociedades foram construídas sobre esses referenciais. A sociedade africana ioruba, antes da colonização, era organizada hierarquicamente através da idade cronológica relativa das pessoas, sendo as mais velhas aquelas que pertenciam ao topo desta hierarquia, e permitindo a todos e todas a oportunidade de ocupar essa posição de poder.

Na sociedade brasileira herdeira da cultura ioruba, percebemos algumas permanências deste aspecto, como a tradição de pedir “benção aos mais velhos” ou sentar em torno do mais velho da família para ouvir suas histórias.

Assim se a categoria mulher é uma invenção, o conceito de mãe tal como conhecemos pelo ocidente também é historicamente construído e atravessado por questões de gênero. Na cultura ioruba, o conhecido por mãe é denominado iyá, e para entendê-la precisamos ampliar a nossa visão, para uma cosmo percepção, compreendendo os aspectos socio-espirituais que esta categoria compõe.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

Como apenas as anafêmeas procriam, a construção original de Ìyá não é generificada, porque seu raciocínio e significado derivam do papel de Ìyá como cocriadora – com Èlédàá (Quem Cria) – dos seres humanos... Ìyá também é uma categoria singular, sem comparação com qualquer outra. Além disso, tanto anamacho quanto anafêmea escolhem espiritualmente suas Ìyá da mesma maneira, e as Ìyá estão conectadas com toda a sua prole nascida, de maneira similar, sem qualquer distinção feita pelo tipo de genitália que ela possa ter.(OYEWUMI,2016,p.3)

Assim as iyás são escolhidas pelos seus filhos e carregam uma forte conexão espiritual com eles. Assim diferentemente do ocidente, que vê as mães como figuras subalternas, que só podem ocupar o lugar de cuidadoras, ligadas as suas condições biológicas, deslocadas dos outros postos de relevância na sociedade. As iyás são importantes na sociedade porque são criadoras de vida e de arte, elas não são somente um corpo, mas o coração das sociedades, ninguém é anterior ou mais importante que ela, possuem uma importância espiritual e que também esta ligada a senioridade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas religiões de matriz africana, temos a permanência de elementos referentes a categoria das Iyas, através das figuras sagradas das iyalorixás. As yíás estão juntamente com as divindades criadoras, cocriando os seres humanos. Katiucia Ribeiro em uma live com Wanderson R. Nascimento, também discutem os estudos de Oyewumí, e ambos apontam a importância de pensar a matripotência em um aspecto coletivo, pois segundo esta cosmopercepção, todos nós recebemos o poder criador, pois todos nós recebemos a energia criadora das yíás.

A valorização da ancestralidade é uma afirmação da potência, demarcando o quanto estamos todas e todos unidos e que sendo assim juntos e juntas podemos construir alternativas para as encruzilhadas que nos impedem de avançar enquanto sociedade. O processo de colonização impôs às sociedades o modelo europeu e o ocidental de ver e pensar o mundo, pautado por relações de poder, contudo ao estudar o modo de vida de outras culturas, podemos refletir sobre essas relações de conflito reconhecendo os aspectos históricos e inventados dessas relações no intuito da construção de um mundo sem opressão.

Pensar uma sociedade, com novas concepções de humanidade, em que não há dicotomias ou hierarquia que sejam utilizadas para diminuir ou subjugar a/o outro, é um dos maiores desafios de nossa geração. Acreditamos na possibilidade de aprender com outras culturas e sociedades, que foram por muito tempo apagadas e silenciadas.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Círculo de Cultura*. In: STRECK, Danilo. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, Jaime. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. 2011.

Em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-ofeminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabela Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós-Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro. Mina Comunicação e Arte, 2020

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Rio de Janeiro, Vozes, 2019.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

OYEWUMI.OYERONKE. **A invenção das mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero.** Rio de Janeiro. Bazar do tempo. 2021.

OYEWUMI.OYERONKE. **Matripotencia: Iyas nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas iorubas.** WhatGenderisMotherhood? Nova Iorque: PalgraveMacmillan, 2016